

**A IMAGEM DA INCONFIDÊNCIA EM “MUSEU DA INCONFIDÊNCIA”,
DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE,
E “FALA AOS INCONFIDENTES MORTOS”, DE CECÍLIA MEIRELES**

Rosiane Viana Silva

A IMAGEM DA INCONFIDÊNCIA EM “MUSEU DA INCONFIDÊNCIA”, DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, E “FALA AOS INCONFIDENTES MORTOS”, DE CECÍLIA MEIRELES

Rosiane Viana Silva

*“Posso, sem armas, revoltar-me?”
Carlos Drummond de Andrade*

Resumo: O presente trabalho pretende tecer uma comparação acerca da imagem da Inconfidência Mineira no poema “Museu da Inconfidência”, de Carlos Drummond de Andrade, e “Fala aos Inconfidentes Mortos”, de Cecília Meireles. Em especial, enfocar-se-ão as relações do eu-lírico com o tempo.

Palavras-chave: Comparação, Inconfidência, tempo, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles.

Abstract: This paper intends to make a comparison of the image of Inconfidência Mineira portrayed in the poem “Museu da Inconfidência”, by Carlos Drummond de Andrade, and in “Fala aos Inconfidentes Mortos”, by Cecília Meireles. In particular, it will focus on the relationship between the lyrical self and time.

Keywords: Comparison, disloyalty, time, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles.

Intentando uma apreciação comparativa acerca da imagem da Inconfidência em textos poéticos de Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles, faz-se indispensável uma pequena retomada acerca da literatura comparada.

Comparar é um procedimento essencial ao pensamento humano; ato universal inerente aos estudos da Literatura Brasileira e presente nas demais ciências. O comparatismo caracteriza-se como uma forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas.

A crença de que há nos textos literários elementos comuns que identificam sua natureza, sem que isso os uniformize, é que ampara a atuação não só da teoria literária como da literatura comparada quando ambas visam à abstração de conceitos a partir da análise textual, orientando-se para aspectos supra-individuais das obras. Assumem, no caso, como finalidade última, a aproximação global da *literatura*, na qual cabe dar conta da complexidade de relações interliterárias e de como, por força desses processos, se estabelece a tradição. (CARVALHAL, 2003, p. 31)

Conforme postulado por Carvalhal, a literatura comparada, ao se valer da crença de que elementos comuns identificam a natureza dos textos, sem uniformizá-los, possibilita-nos um diálogo entre os poemas de Cecília Meireles e Carlos Drummond, levando em consideração suas peculiaridades. Assim, confrontaremos as obras citadas, buscando identificar aproximações, afinidades e divergências. Para isso, amparar-nos-emos no modelo mais geral da literatura comparada, uma vez que a mesma não apresenta parâmetros rigorosamente fixados.

Carlos Drummond de Andrade, poeta mineiro, adepto à escola modernista, em seu poema “Estampas de Vila Rica”, retrata a memória mineira. O poema tem cinco subdivisões, numeradas em algarismos romanos e tituladas: I. Carmo; II. São Francisco de Assis; III. Mercês de Cima; IV. Hotel Toffolo e V. Museu da Inconfidência. Ateremo-nos à quinta parte desse poema, “Museu da Inconfidência”, de modo que consideraremos as cinco subdivisões como poemas independentes.

Affonso Romano de Sant’Anna (1992) destaca a importância da memória, que se apresenta tanto como constituinte histórico — a memória como patrimônio histórico das cidades mineiras — quanto como a memória drummondiana acerca das cidades de Minas. Podemos perceber que Drummond tem um modo peculiar ao descrever os fatos históricos da sua terra:

Terra antiga, ouro e ferro, sempre viva na alma do poeta e na essência de sua poesia. Minas Forte! Onde se plantou a meninice, onde há ouro e pedra, o carvão depois do fogo. Cinzas removidas. Aí está o homem. O poeta. Sua força telúrica. Sua representação geográfica. (LAUS, 1978, p. 53)

Apreende-se, assim, que a terra mineira está intrínseca ao poeta. É o lugar onde ele nasceu e tornou-se “homem”. Portanto, a lembrança da sua jovialidade confunde-se com a lembrança das suas raízes.

Já no título, encontramos a chave do poema com a palavra “Museu”. Sabemos que os museus são lugares destinados ao estudo, à reunião e exposição de obras de arte, de coleções científicas, de peças e objetos antigos, entre outros. Assim sendo, o “Museu da Inconfidência”, de Drummond, assinala-se como um lugar de exposição de artefatos da Inconfidência, com elementos antigos, assim como lugar de estudo acerca do movimento. Lembrando que esse lugar do museu refere-se a um ambiente físico específico: a cidade de Vila Rica. Esse aspecto pode ser percebido no fragmento a seguir:

São palavras no chão
Amores nos autos
As casas ainda restam
Os amores, mais não.

Ao dizer que as casas ainda restam, entendemos que elas são as provas, os objetos, as marcas da Inconfidência que o tempo ainda não destruiu. No entanto, os amores feneceram com os homens, não sobreviveram ao tempo, caracterizando-se, dessa forma, como algo mortal. Ainda sobre a problemática do tempo, temos o seguinte trecho:

Macia flor de olvido,
sem aroma governas
o tempo ingovernável.
Muros pranteiam. Só

Ao discorrer sobre o tempo e qualificá-lo como “ingovernável”, o poeta explicita um sentimento de impotência mediante esse fator. Pode-se afirmar que esse paradoxo de se “governar o ingovernável” caracteriza-se na impossibilidade de agir, ou seja, mesmo que se tente e se volte todas as ações para isso, jamais se conseguirá dirigir o tempo, pois ele age por si só. Temos, assim, uma angústia que não é peculiar à nossa contemporaneidade: “Evidentemente a angústia do homem diante do mistério do tempo não é invenção do mundo moderno. A literatura e filosofia (e obviamente a ciência) de todas as épocas registram a mesma perplexidade” (SANT’ANNA, 1992, p. 53). E, mais adiante:

A complexidade do tratamento do tempo e espaço no poema drummoniano vai além dos efeitos dramáticos conseguidos com a superposição de blocos representando tempos e espaços distintos. Ao realizar a análise desse processo de montagem do poema, a atenção é posta principalmente no elemento verbal (Zeitwort). (SANT’ANNA, 1992, p.116)

Assim, como evidência da localização do tempo da escrita, deparamo-nos, no poema, com o verbo “restar”. Uma vez que tal palavra denota “sobreviver”, “continuar a existir”, o eu-lírico serve-se da mesma para considerar que, no seu tempo presente (sua contemporaneidade), pouco permaneceu das marcas da Inconfidência, que ocorreu em um tempo histórico já distante (passado). Desse modo, comprova-se a presença de um tom decadente no poema: “As casas ainda restam...”; “E restam poucas roupas...”.

No verso “Muros Pranteiam. Só.” encontramos uma personificação, fundamentada na existência do muro das lamentações. Os muros, agora, sentem as dores do martírio do insucesso da

Inconfidência. A finitude humana deixou o legado do sentimento, do sofrimento aos seres inanimados que testemunharam o calvário dos inconfidentes. Ao final da estrofe, quando utiliza o vocábulo “Só”, Drummond, de forma sucinta, expressa o fim da descrição dos “restos” da Inconfidência Mineira, manifestando a solidão e fraqueza do evento, desmistificando, assim, a sua importância perante o tempo:

E restam poucas roupas,
sobrepeliz de pároco,
a vara de um juiz,
anjos, púrpuras, ecos.

Tudo o que antes representava a glória e o heroísmo de determinados inconfidentes mineiros, atualmente se reduz a escassos objetos. A Inconfidência, no museu, está definindo.

Laus (1978) afirma que os poemas de Drummond sempre demonstram a ideia de Deus. Todavia, nesse poema, o escritor apenas caracteriza a religiosidade ao descrever o vestuário da autoridade católica e nomear entidades espirituais (anjos), não fazendo nenhuma reflexão mais profunda, de cunho metafísico como, mais adiante, encontraremos em Cecília Meireles.

Em Carlos Drummond de Andrade, a história não é determinada por um sentido profético ou messiânico, mas pelo amor, pelo poder do amor. O sentimento de amor pode modificar a história, recuperar o remorso histórico que a memória nos traz.

Drummond acredita na vida. É homem que ama seus semelhantes; suas desditas, suas misérias, suas vidas-mortes, sempre tocam esse poeta que tece poesia, sobretudo, uma filosofia da vida e do ser. (LAUS, 1978, p. 51)

Contudo, em um “museu”, não há mais o sentimentalismo, exatamente porque o museu não é guardião das pessoas e das suas emoções, mas somente um lugar de exposição dos pertences delas. Do mesmo modo, o poeta afirma que os amores não restam mais. E é essa não-existência do amor, essa morte do amor que faz com que ele conclua: “Toda história é remorso”.

Dessa forma, é possível entender o poema “Museu da Inconfidência” como uma composição de caráter melancólico, tal como um museu. O escritor tenta passar aos leitores as mesmas emoções que se adquirem em uma visita ao museu. Temos aqui a presença do Spätzeit, no sentido de “perda de energia”:

Em resumo: o que diz esse componente semântico do termo Spätzeit? – Que aqueles que chegam tarde são prejudicados, encontram-se num mundo diminuído, esgotado e são desprovidos de energia criadora. Eles devem se contentar com aquilo que sobrou, ajustar-se ao potencial reduzido que lhes oferece sua época, prontos a sonhar com nostalgia e pesar com grandezas heróicas do passado. (MOSER, 1999, p. 36)

Depreende-se, portanto, que a realidade agora encontrada, sem os heróis da Inconfidência, é inferior, uma vez que o prestígio daquela época não mais voltará, restando, apenas, a nostalgia. Assim, o lirismo resume-se a uma contradição, por proporcionar uma exposição do que um dia foi glória (o heroísmo dos inconfidentes, personagens da história) e hoje é uma agonia, visto que os personagens não mais existem e o que restou deles tende a não existir também, pois o tempo é senhor de tudo. Temos, desse modo, uma morte gradativa, mas inevitável, da memória e dos elementos da Inconfidência.

Já Cecília Meireles, escritora nascida no Rio de Janeiro, inovou ao escrever seu “Romanceiro da Inconfidência”, publicado em 1953, em que utilizou um tema abrangente, histórico, até certo ponto nacional — o que não havia feito antes —, exprimindo o drama da liberdade em sua luta contra os poderes tirânicos. A escritora, diferentemente de Drummond, não possui raízes em Minas e pesquisou

minuciosamente para discorrer acerca da Inconfidência Mineira.

O livro é formado por um conjunto de romances, poemas curtos de caráter narrativo ou lírico. Para nosso estudo, valeremo-nos somente de um poema, o último da obra citada, estruturado em cinco estrofes e em versos curtos, intitulado “Fala aos inconfidentes mortos”.

Assim como feito em Drummond, também podemos analisar o poema de Cecília Meireles começando pelo título. Ambos mencionam o assunto “inconfidência”, o que pressupõe que o tema será abordado no decorrer do poema.

“Fala aos inconfidentes mortos” torna-se um paradoxo. Como falar para quem não mais existe, já que a morte nada mais é que o fim da vida? Para tentar entender esse posicionamento, nos ampararemos na seguinte tese:

Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova. Nesse sentido ela tem um valor psicológico: ela liberta das forças negativas e regressivas, ela desmaterializa e libera as forças de ascensão do espírito. [...] É que a Morte tem inúmeras significações. Libertadora das penas e preocupações, ela não é um fim em si; ela abre o acesso ao reino do espírito, à vida verdadeira. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988, p. 621-622)

Isto posto, pode-se afirmar que a fala dirige-se aos mortos transubstanciados. Agora, os inconfidentes encontram-se em outro plano, possivelmente em um plano espiritual:

E aqui ficamos
todos contritos,
a ouvir na névoa
o desconforme,
submerso curso
dessa torrente
do purgatório...

Quais os que tombam,
Em crimes exaustos,
Quais os que sobem,
Purificados?

Esses versos revelam-nos também a religiosidade, mais especificamente, o dogmatismo católico, que postula que na vida após a morte existe o purgatório (purificador de pecados), o inferno e o céu. Os dois primeiros versos indicam a impossibilidade de se transitar entre o plano material e o espiritual, uma vez que expõe que os que ficaram e o que fala (eu-lírico) estão contritos (humilhados, prostrados) sem saber o destino dos inconfidentes. Por isso mesmo, o poema termina com um questionamento, que abre margem para outros questionamentos. Como será o julgamento dos inconfidentes pela divindade, serão culpados ou inocentes? Será que essa fala será ouvida pelos inconfidentes mortos no plano espiritual? Eles poderão responder de alguma forma?

Ao contrário de Drummond, o tempo do eu-lírico, em Cecília Meireles, não se caracteriza somente no tempo contemporâneo da autora, ou seja, distante do tempo do fato histórico. Enquanto Drummond só fala de uma Inconfidência ao longe, de quase dois séculos, Cecília localiza-se na mesma época dos inconfidentes:

Treva da noite,
Lanosa capa
Nos ombros curvos
Dos altos montes
Aglomerados...

Pode-se perceber, nessa estrofe, que o eu-lírico é testemunha do ato covarde ao qual foram submetidos os inconfidentes. O narrador caracteriza o carrasco, descreve seu vestuário (lanosa capa), chegando até mesmo a caracterizá-lo como “senhor da morte”, “assassino”, ao descrever como “treva da noite”. E, por consequência da presença do enforcador, a morte acabara de chegar.

Entretanto, o tempo em Cecília Meireles vai além do momento da Inconfidência e das suas aflições. A escritora também faz uso do seu tempo contemporâneo, ao revelar:

Parada noite,
suspensa em bruma:
não, não se avistam os fundos leitos...
mas, no horizonte
do que é memória
da eternidade,
referve o embate
de antigas horas,
de antigos fatos,
de homens antigos.

É-nos apresentada, nesse fragmento, a evidência de que a Inconfidência atualmente está no plano da memória e, mais ainda, é enfatizada a sua distância ao usar a palavra “antiga”. Dessa forma, temos em “Fala aos inconfidentes mortos” a presença do tempo contemporâneo da autora e do tempo efetivo da execução dos inconfidentes, distanciados por quase duzentos anos. Assim, o eu-lírico transita entre o tempo que foi a Inconfidência (tempo histórico) e o tempo que permanece com as suas marcas (tempo contemporâneo).

Outro fator de suma importância que a estrofe citada evidencia é que a escritora, ao dizer que a noite permanece “parada, suspensa”, sustenta uma relação de cumplicidade com o tempo. Isso pode ser comprovado quando ela arrazoar que agora a ampla memória será eterna, já que a noite da Inconfidência para sempre ficará cravada na nossa história, ou seja, o tempo não poderá apagá-la.

Para Drummond, o tempo é inimigo, pois faz algo tão grande, como foi a Inconfidência, definhando, pouco a pouco. No entanto, para Cecília Meireles, o tempo não diminui o marco histórico, uma vez que a memória do que ocorreu não perecerá, mas sempre continuará viva:

Agora, tudo jaz em silêncio:
Amor, inveja,
Ódio, inocência.
No imenso tempo
Se estão lavando..

O amor, segundo a autora, jaz junto com os inconfidentes, assim como as outras emoções humanas suscitadas na Inconfidência (inveja, ódio e inocência). Essa morte dos sentimentos relatada em “Fala aos inconfidentes mortos” aproxima-se da morte do amor, postulada por Drummond. É importante ressaltar que essa morte não está no âmbito universal, mas individual, pois os amores e os ódios que morreram são os pertencentes aos personagens da Inconfidência Mineira, o que não significa dizer que a humanidade perdeu a capacidade de amar, odiar, dentre outras. No entanto, há a afirmação de que “No imenso tempo / se estão lavando”, o que significa dizer que as atitudes e os sentimentos humanos serão justificados, ou melhor, julgados pela posteridade, o que ocasionará uma purificação (ou não) dos protagonistas da história. Portanto, o tempo é visto como uma continuidade sem finitude:

vão dando voltas
no imenso tempo,
— à água implacável
do tempo imenso,
rodando soltos,
com sua rude
miséria exposta...

Nesse ponto, ao mencionar que o tempo é imenso, Cecília faz uma menção metafísica, fazendo o tempo humano, que é finito, encontrar o tempo espiritual (divino), que é infinito:

Na linguagem, como na percepção, o tempo simboliza um limite na duração e a distinção mais sentida com o mundo do além, que é o da eternidade. Por definição, o tempo humano é finito e o tempo divino infinito ou, melhor ainda, é a negação do tempo, o ilimitado. Um é o século, o outro a eternidade. Portanto não há entre eles nenhuma medida comum possível. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 1988, p. 876)

Ao colocar o episódio da Inconfidência Mineira no plano espiritual, quando faz referência a um tempo ilimitado, eterno, a autora atribui uma importância sem igual ao fato, mostrando que o mesmo transcende o humano.

Diante das reflexões feitas, torna-se possível afirmar que um fato tão marcante na história brasileira, sobretudo na mineira, possibilita vários olhares criados a partir de evidências do ocorrido — enfatizemos que cada marco possibilita inúmeras leituras. Dessa forma, Drummond e Meireles registram, através das palavras, memoráveis imagens da Inconfidência Mineira.

A imagem que Cecília constrói acerca da Inconfidência distancia-se, em grande parte, da de Drummond, porque, em seu poema, ela dirige sua fala aos inconfidentes mortos. Há, em sua obra, um testemunho do enforcamento e uma evidência da permanência dos inconfidentes na memória da posteridade. O escritor mineiro, por sua vez, somente descreve o que sobrou da Inconfidência. No entanto, as imagens dos poemas se encontram quando é admitido que, junto com o homem, seus sentimentos e sua individualidade também se findam.

Assim, temos em Drummond uma história que se caracteriza como remorso e, em Cecília, uma memória eterna. O primeiro constrói a imagem do que poderia ter sido; a segunda, do que para sempre será.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BUENO, Silveira. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CARVALHAL, Tânia Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

LAUS, Lausimar. *O mistério do homem na obra de Drummond*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MOSER, Walter. Spätzeit. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 33-54.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

Rosiane Viana Silva possui graduação em Letras/Português pela Universidade Estadual de Montes Claros (2008). Atualmente é mestranda em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del Rei. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira.